

# IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE E O MARKETING CULTURAL<sup>1</sup>

Maíra Salles de Souza<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Este projeto visa a estudar a utilização do Marketing Cultural como ferramenta para a preservação da identidade da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte, localizada em Cachoeira, cidade Monumento Nacional, no Recôncavo Baiano, próxima de Salvador. Esta é ênfase no próprio marketing da Irmandade, como também o da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, que, além de promover a preservação da cultura regional e da memória histórica, estimula o turismo religioso na região.

Devido às manifestações culturais, as músicas, o Samba de Roda, no mês de agosto, a Procissão da Boa Morte recebe vários turistas nacionais e estrangeiros, que se interessam em produzir trabalhos como este, filmes turísticos e documentários. A Boa Morte, agraciada com o Prêmio Cultural Popular em 1999, é um documento vivo da cultura africana no País, resistindo por mais de 400 anos, pelas irmãs, velhas mulheres negras. Essa resistência é a base dessa pesquisa, para ressaltar a eficiência do marketing cultural como relevância na conservação das raízes da nossa pátria.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, descritiva, e como se tratava de um estudo de caso, houve observação, entrevistas e análise de uma história de vida; tudo para perceber a influência do Marketing Cultural na preservação da identidade da Boa Morte.

Para desenvolver a investigação, buscou-se dados secundários em livros, revistas, jornais (*A Tarde, Folha de São Paulo*), folders, documentos, informações sobre marketing cultural e referências da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira-Bahia. Na coleta de dados, as fontes primárias e as fontes secundárias utilizadas foram o documentário “Eu Vi Boa Morte Sorrir...”, “Festa da Boa Morte” e “A Cidade Histórica de Cachoeira”, o cordel “Viva Boa Morte” de Antonio Vieira, fotos, Revista Marketing Cultural, entre outros.

## 3. RESULTADOS

A Bahia, Estado onde ocorre uma “efervescência cultural” indiscutível, é um dos maiores pólos turísticos relacionados com as questões culturais e artísticas, a exemplo da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, na qual se detém o estudo.

### 3.1. Breve histórico da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte

A Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte se constitui em uma organização tradicional da cultura negro-africana, apresentando-se como raridade de identidade cultural brasileira. A Irmandade compõe-se, aproximadamente, de trinta velhas negras descendentes da escravidão no Brasil. Segundo documentos históricos, nasceu nas senzalas da Bahia, com o objetivo de alforriar

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida como atividade acadêmica na disciplina Pesquisa II, sob orientações das professoras Tereza Cristina de Oliveira e Carlota Gotchall.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

negros ou conceder-lhes fugas, encaminhando-os para quilombos próximos, como por exemplo, o Quilombo do Malaquias, zona rural de Cachoeira. Como lembra Tavares (1974), foram várias as formas de resistência e rebeldia ao sistema de trabalho escravo, adotado pelos africanos trazidos para Bahia.

Os negros chegaram à Bahia no período colonial e imperial como escambos, negociados de acordo com a estatura, sexo, idade, para trabalharem no cultivo da cana-de-açúcar. Eles vieram, trazidos das Costas Africanas, substituir os índios do Brasil.

Muitos engenhos estavam instalados no Recôncavo para utilizar a via marítima como entreposto comercial. Por isso, uma grande quantidade de navios negreiros desembarcou nas proximidades de Cachoeira, disponibilizando a mão-de-obra escrava. Pode-se estimar que o tráfico trouxe das Costas Africanas, entre 1550 e 1850, cerca de 1.200.000 africanos com etnias e origens diversificadas.

A Lei Euzébio de Queiroz (04 de setembro de 1850) considerava a importância de servos na Bahia como crime de Pirataria. Os escravos recuperados foram declarados “livres”, mas sua liberdade era condicionada à sua participação em trabalhos de terraplanagem.

No início do século XIX, os proprietários de engenhos de açúcar eram a classe dominante baiana: a riqueza e poder eram baseados no regime das grandes propriedades, na monocultura da cana-de-açúcar que necessitava de uma vasta mão-de-obra barata. Freyre (1993) e Pinto (1937), citado por Verger (1999), afirma que a monocultura açucareira favoreceu a eclosão de um regime patriarcal de aspecto quase feudal, onde o proprietário de engenho dominava uma multidão de escravos.

Os africanos e descendentes brasileiros, descontentes com a situação de exploração, promoveram numerosas revoltas de escravos e de alforriados, entre 1807 e 1835, na Bahia. Era a repercussão da jihad (Guerra Santa dos muçulmanos) que começou na África em 1804.

As maciças chegadas dos prisioneiros resultantes das guerras em país Yorubá vinham dar uma nova força aos sentimentos de revolta dos escravos, particularmente dos muçulmanos, que escravos na Bahia e reduzidos à impotência seguiam de longe os progressos e as conquistas de seus irmãos em religião. (VERGER, 1999).

Apesar de sua insignificância social, a influência afro sobre a cultura brasileira está além de ser desprezível. Luiz Viana Filho (1946) enfatiza a influência africana:

Aos poucos a Bahia africanizava-se. Em todos os lugares estava o negro com sua cultura, os seus costumes, o seu inconsciente. E, mesmo sem o querer, os ia transmitindo à nova sociedade, que, sem o perceber, ia assimilando muita coisa que lhe ensinava o negro escravo, julgado suficientemente distante para não influir senão pelo seu trabalho.

O tráfico de escravos escondia-se sob as preocupações religiosas e dos direitos humanos, em que implicava a noção de “salvação das almas pagãs que se traziam à fé católica”. Uma vez libertados e reagrupados, em irmandades religiosas católicas, por nações de origem, os africanos encontraram a possibilidade de reatar os laços com seus costumes tradicionais e de organizar cultos ancestrais denominados de Candomblé. Essas devoções estão ligadas ao sincretismo, de que santos são objetos, com certos deuses trazidos da África. Os negros africanos, em Salvador, agruparam-se por nação de origem: os angolanos e os congolezes formam a Irmandade da N.S. do Rosário, no Pelourinho; os daomeanos, a do N. S. das Necessidades e da Redenção, na capela de Corpo Santo; e os Nagô-Yorubás, esta formada por mulheres da Boa Morte, na Barroquinha.

Na Bahia, ao lado das grandes ordens religiosas católicas, há ordens terceiras e numerosas irmandades. As primeiras têm suas próprias igrejas, seus claustros e

seus lugares onde enterrar seus mortos; já a segunda têm reservadas grandes salas de reunião nas diversas igrejas da cidade. (VERGER, 1999, p. 239).

A Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte é composta por mulheres negras africanas, antigas escravas emancipadas, que estabeleciam e dirigiam escondido das autoridades as cerimônias religiosas africanas; originaram o candomblé (celebrações sem recriminação). Este grupo de mulheres de aparência muito católica praticante, são, ao mesmo tempo, as fiéis guardiãs dos cultos africanos dos orixás nagô-yorubá da atual Nigéria.

É, nesta época, o caso dos nagôs trazidos do reino de Ketu. O primeiro terreiro desta nação foi fundado no início do século XIX, em uma pequena casa situada atrás da igreja da Barroquinha, por um grupo de mulheres que pertenciam à irmandade de N. S. da Boa Morte. (SILVEIRA, 1986).

A origem da Irmandade é uma incógnita, pois é inexistente a documentação escrita e seus conhecimentos foram estendidos pela oralidade. No entanto, existe o “Segredo da Boa Morte”, mantido a sete chaves. Segundo Luiz Cláudio Nascimento (1999), o sincretismo religioso (catolicismo e o candomblé) é o tesouro, mesmo sendo negado em entrevista dada pela Juíza Perpetua a ele:

Na parte da irmandade, não temos nada dentro da irmandade que pertença ao candomblé. Agora é o seguinte: a maioria daqui de nós, a maioria participa do candomblé. Então cada qual tem seus preceitos, mas nas suas casas.

As irmãs cultuam a Nossa Senhora, sua morte e assunção em corpo e alma, cumprindo uma promessa, a mesma de livrar os negros da escravidão (a morte). O apogeu da Irmandade é a festa com as procissões em todo o mês de agosto, em que as imagens de Nossa Senhora (três) são agraciadas pelos fiéis.

Atualmente, a Irmandade da Boa Morte é, em Cachoeira, na rua da Matriz, número 41, onde fica a Casa Estrela; e na Praça Maciel, a Casa Sete Portas. As irmãs tomam importantes decisões na Casa Estrela, fundação e atual sede da Irmandade da Boa Morte, cujo local é considerado o inventário cultural: inserção de produção, reprodução e manutenção de conhecimentos da Irmandade.

### **3.2. O Marketing Cultural**

O marketing é fruto da sociedade globalizada, lida com a identificação e o atendimento das necessidades humanas e sociais. Seus conceitos são muito vastos, seus conhecimentos também. Pode ser aplicado em vários segmentos, como, por exemplo, o esportivo, o religioso, o político; todos se destacando no mercado e adquirindo importância para a empresa na formação de sua imagem. Para Kotler (2000, p. 30), “[...] o marketing é um processo social por meio do qual pessoas e grupos de pessoas obtêm aquilo de que necessitam e o que desejam com a criação, oferta e livre negociação de produtos e serviços de valor com os outros [...]”.

Muitas pessoas ainda não sabem o que é o marketing cultural. Não é que elas não saibam, simplesmente o conhecimento teórico não é abordado; mas na prática, muitas empresas já aplicam, como alternativa para o lucro empresarial, pois o investimento no marketing cultural como no social é muito vantajoso institucionalmente. Na definição de Muylaert (1993), “marketing cultural é o conjunto de recursos de marketing que permite projetar a imagem de uma empresa ou entidade, através de ações culturais”.

As instituições públicas e privadas apóiam-se no marketing cultural como forma de sensibilização e identificação do mercado alvo, adotado como desenvolvimento de programas de patrocínio ligados à cultura e à arte (literatura, dança, música, cinema, teatro, folclore etc e manifestações culturais e artísticas em geral).

Essa política só foi possível com a criação de Leis de Incentivo à Cultura, como a Lei Rouanet, que atua com o Programa Nacional de Apoio à Cultura, um projeto Federal, como também, em seu núcleo, existe o Fundo Nacional da Cultura, Fundo de Investimento Cultural e Artístico e Incentivos a projetos culturais: Lei Sarney, em que realizar eventos e serviços culturais tem descontos no Imposto de Renda. O investimento em cultura tem muitos benefícios fiscais para a empresa.

A expressão Marketing Cultural, embora amplamente utilizada, é contestada por profissionais e especialistas que não aceitam a relação entre marketing e cultura, defendendo a tese de que o investimento em cultura não deve pautar-se pela busca de retorno, sobretudo financeiro.

O marketing tem como base a sociedade capitalista, e as transações mercadológicas visam sempre lucratividade, mesmo em se tratando de valores e crenças. Então seria uma impostura aplicar as estratégias do marketing como subsídios culturais, mesmo tendo pouca rentabilidade.

## **4. COMO O MARKETING CULTURAL REMODELA A IMAGEM DA IRMANDADE DA BOA MORTE**

### **4.1 A localidade da Irmandade em Cachoeira**

A Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, trazida pelos portugueses no período da colonização do Brasil, deu origem à Irmandade da Boa Morte. Segundo o historiador Luis Henrique Dias Tavares (1974), a fundação da congregação deve ter ocorrido no início do século XIX, em Salvador, para cultuar Nossa Senhora da Boa Morte. A Ordem teria se dedicado, em seus primórdios, a sepultar corpos de escravos, dando-lhes um funeral decente, e também a esconder negros fugidos e arrecadar recursos para a compra de cartas de alforria. Teve, portanto, um papel social, político e ideológico importante naquele período histórico do Brasil, em que se lutava pela abolição da escravatura.

A Irmandade transferiu-se para a cidade de Cachoeira, por volta de 1820, onde se reestruturou e fixou-se. Naquela época chegou a congregar cerca de 200 mulheres, hoje resistem aproximadamente 30, todas elas descendentes de escravos e com idades sempre acima de 40 anos. A confraria é mantida por colaborações do Poder Público, através da Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia (SCT), instituições civis (ONGs norte-americanas) e da própria comunidade local.

A festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte representa um cenário das mais expressivas tradições culturais do sincretismo religioso no Brasil. Durante cinco dias, a cidade histórica de Cachoeira vive as cerimônias de extraordinária riqueza histórica e cultural, que depois da louvação desembocam no samba-de-roda. Uma reminiscência que se prolonga por séculos, como escreveu o escritor Odorico Tavares, citado por Verger (1999): “Os anos desabam sobre a velha cidade, mas a confraria prossegue através dos tempos. Enquanto houver as pretas de Cachoeira, enquanto elas tiverem braços para trabalhar e coração para amar a sua santa, jamais a Irmandade desaparecerá”.

O Recôncavo Baiano se enche de vida no mês de agosto (as comemorações iniciam-se na segunda quinzena). A Festa da Boa Morte representa a preservação das tradições afro-descendentes, e atrai turistas nacionais e internacionais, pesquisadores, estudantes, admiradores do candomblé; pessoas que valorizam a cultura popular brasileira.

Durante os quatro dias subseqüentes, as irmãs da Boa Morte fazem uma celebração barroca da morte e ascensão de Nossa Senhora aos céus. O sincretismo, em que mistura os rituais católicos com o candomblé, provoca uma efervescência do folclore, com as missas, cortejos, procissões, samba-de-roda. A tradição da festa, em homenagear a Nossa Senhora da Assunção, foi uma promessa concebida pelas descendentes negras pela a libertação dos escravos.

A festa começa na sexta-feira com uma reza em Ação de Graças pela memória das irmãs já falecidas, e depois é seguida de um cortejo pelas principais ruas da cidade. Às 22 horas, depois da

Sentinela de Nossa Senhora da Boa Morte, as irmãs oferecem, na Casa Estrela, a Ceia Branca, um jantar solene com peixe, pão e vinho; sem cheiro ou sabor de dendê.

Na capela da Irmandade, no sábado, é realizada a Oração de Corpo Presente, diante de uma relíquia do século XVIII: imagem de N. S. da Boa Morte. Logo após sai a procissão, acompanhada pelo povo e por filarmônicas, com as irmãs vestidas com seus belos trajes do candomblé.

No domingo, há a reza pela assunção de Nossa Senhora da Glória. Ao meio-dia, é servido um almoço aos convidados em clima festivo, sem a solenidade da Ceia Branca, destacando a parte profana da festa, com muitas comidas, bebidas e samba-de-roda, que se estende até a segunda-feira.

#### **4.2 Apropriação da Irmandade como ícone para a imagem da baianidade tomada pelo Estado**

Na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, anualmente, a Irmandade da Boa Morte presta homenagens à sua patrona. No Brasil, ela é a única com suas características preservadas. O culto a Nossa Senhora da Boa Morte é uma tradição da Igreja Católica e que na Bahia incorporou elementos da cultura afro-brasileira. A cada ano, os rituais promovidos pela Irmandade atraem mais turistas e pesquisadores de vários países, principalmente dos Estados Unidos, gerando empregos, aumentando os impostos e o PIB: uma economia da cultura.

O marketing cultural realizado pela Fundação Hansen-Bahia com o apoio da Secretaria da Cultura e Turismo promoveu de 17 a 19 de agosto, de 2001, em Cachoeira, a 1ª Mostra de Arte e Cultura Negra do Recôncavo. O evento reuniu artistas de variados estilos com o intuito de divulgar a cultura regional e enfatizar a importância da Boa Morte.

A abertura oficial das exposições aconteceu no dia 17, no Museu Hansen-Bahia, reunindo trabalhos do artista alemão, de Trípoli Gaudenzi, de Sibeles Sales, além de uma homenagem especial à Irmandade da Boa Morte com fotos do fotógrafo Pedro Arcanjo.

No sábado, dia 18, na visita às exposições, houve Dança dos Orixás, do babalorixá Jean, e uma apresentação de samba-de-roda. No dia 19 houve a apresentação de bumba-meu-boi.

Esse projeto atraiu a atenção dos veículos de comunicação para as atividades artísticas em Cachoeira, destacando a importância e o apoio da SCT. Essa imagem de grande patrocinadora conseguiu ampliar os investimentos em cultura por parte das empresas privadas, nas áreas teatrais, danças, circo, folclore, samba-de-roda, entre outros.

O Instituto Brasileiro de Estudos Culturais e Acadêmicos (IBECA) realizou, em abril de 2003, a 1ª Conferência de Cachoeira–Cultura Brasileira, Candomblé e Africanidades, justamente para promover um debate de temas sobre a identidade e religiosidade. Esse é mais uma amostra, de como as discussões culturais do recôncavo estão ganhando espaço nos meios de comunicação.

A Secretaria da Cultura e Turismo, através da BAHIATURSA, órgão misto (público e privado), estimula o turismo no recôncavo, ainda mais, quando o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, declarou, em rede nacional, que vai investir no Turismo Religioso de Cachoeira, destacando a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. O IRDEB, outro órgão da SCT, sempre está produzindo documentários sobre a região, principalmente sobre o sincretismo da Irmandade da Boa Morte, a resistência dos Terreiros de Candomblé, a estrutura arquitetônica de Cachoeira-São Félix, os outros tipos de manifestações culturais, entre outros.

Esse apoio governamental, além de promover a preservação da pluralidade cultural, desperta nos norte-americanos o interesse pela identidade afro-brasileira, em que através de uma troca comercial (cultura por dinheiro), a região consegue destaque e mais atenção dos órgãos públicos estaduais e federais.

A Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, com o objetivo de apoiar a cultura, preservar a memória e o patrimônio cultural consegue desenvolver pacificamente a integração da sociedade com o processo de industrialização da cultura. No caso da Irmandade da Boa Morte, a SCT utiliza-se da respeitabilidade religiosa para promover a imagem da baianidade.

Muitos pesquisadores acreditam que a particularidade da Bahia está relacionada com o atraso social, pois a exclusão dos afro-descendentes dos processos econômicos conservou as

tradições, permitindo a convivência dos mesmos com uma mistura cultural muito forte. A Bahia cultiva os credos de um povo multiétnico.

## 5. CONCLUSÃO

Os dados até aqui analisados demonstram que o Marketing Cultural, por ser uma ferramenta de comunicação, é uma ótima oportunidade para as instituições valorizarem a sua imagem institucional e suprirem a deficiência de investimentos em cultura. Ele, através da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado, contribui para a divulgação e sobrevivência da Irmandade da Boa Morte, preservando sua identidade, principalmente quando chamou a atenção de pesquisadores e instituições para criarem novas estratégias para a valorização das tradições étnicas, atraindo uma quantidade significativa de turistas, com maior frequência no mês de agosto, destacando o Patrimônio Cultural de Cachoeira, considerada Cidade Monumento Nacional.

O significativo apoio governamental no recôncavo estimula a participação de empresas privadas a investir na cultura, pois essa atitude dignificará a marca da mesma, e contribuirá para o desenvolvimento econômico e social da região. A cultura é a maior riqueza de uma nação.

## 6. REFERÊNCIAS

KOTLER, Philip. Marketing no Século 21. In: \_\_\_\_\_. **Administração de Marketing**: a edição do novo milênio. Tradução Bazán Tecnologia e Lingüística. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

MUYLAERT, Roberto. **Marketing Cultural**: Comunicação Dirigida. São Paulo: Globo S. A, 1993.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio. **O Candomblé na Boa Morte**. Cachoeira: Fundação Maria América da Cruz; 1999.

PINHO, José Wanderley (1890-1967). **Cotegipe e seu tempo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

SILVEIRA, Renato. Pragmatismo e o Milagre de Fé no Extremo-Ocidente. In: \_\_\_\_\_. **Rebelião Escrava no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.167-197;

TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da Bahia**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1974.

VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia de 1850**. Trad. Maria Aparecida Nóbrega. 2. ed. Salvador: Corrupio, 1999. (Coleção Baianada,1).

VIANA FILHO, Luiz. **O Negro na Bahia**. Rio de Janeiro: 1946.